

## Teresa d'Ávila e Juan de la Cruz: poesia mística espanhola

Wanderson Lima

O termo *mística* ganhou espaço no vocabulário comum do nosso dia-a-dia com seu sentido originário distorcido. Místico hoje, não raras vezes, é o nome que se dá ao ilusionista, ao fanático, ao alienado; já mistificar é um verbo sinônimo de burlar, ludibriar. Esta guinada semântica que o termo sofreu em nossos tempos aponta para um quadro amplo de transformações que a racionalidade moderna produziu, gerando o modelo de sociedade secularizada em que vivemos. Como aponta o filósofo Henrique C. Lima Vaz, a erosão semântica deste termo – reduzido a nomear comportamentos ou atitudes pontuadas por uma passionalidade que obscurece a razão – deve ser “interpretada como indício de uma inversão radical na ordem de nossas prioridades espirituais, que inflete para o domínio da imanência o termo último da intencionalidade constitutiva do espírito”.

No entanto, para diversas tradições religiosas e filosóficas, o termo mística, durante longo tempo na história do Ocidente, significou uma experiência radical, e de difícil comunicação, de fruição do Absoluto; uma forma privilegiada de conhecimento de Deus, vivenciado como criatura próxima, amorosa e pessoal. Muitos países, como é o caso da Espanha de San Juan de la Cruz e Santa Teresa d'Ávila, devem sua personalidade filosófica aos místicos. Quase toda a tradição filosófica espanhola bebe, direta ou indiretamente, em seus grandes místicos.

Para o filósofo Jacques Maritain, mística e filosofia, atividades do espírito afins que são, diferem-se, no entanto, no seguinte ponto: o filósofo

busca compreender a Realidade sem tocá-la, enquanto o místico, ainda que em meio à Noite de que fala San Juan, ainda que sem as hoje tão requestadas provas empíricas, vive a certeza de uma Presença que não só o contagia, como lhe toma por inteiro:

Oh! noite, que me guiaste!  
Oh! noite, amável mais do que a alvorada!  
Oh! noite, que juntaste  
Amado com amada,  
Amada no amado transmutada!

(*Noite escura*, Juan de la Cruz)

No âmbito exclusivamente cristão, a mística representou, como resume precisamente Leo Spitzer em seu estudo *Três poemas sobre o êxtase* (trad. bras., 2003), o desenvolvimento máximo da crença em um Deus pessoal. Neste ponto, a Espanha – com Teresa d’Ávila (1515-1582) e Juan de la Cruz (1542-1591) à frente – exerceu um papel primordial. Tal pioneirismo da Espanha, com sua contribuição essencial ao desenvolvimento do cristianismo e das formas de se pensar a Deus no Ocidente, deve-se não à sua originalidade de sua mística, mas à sua capacidade de absorver e sintetizar miríades de influências.

Os estudiosos tendem a concordar que a mística espanhola do chamado “Siglo de Oro” – o apogeu da cultura espanhola, que abarca desde o Renascimento do século XVI até o Barroco do século XVII, e que em geral toma como marco inicial a publicação da *Gramática castellana de Nebrija* em 1492 e como fecho a morte de Calderón de la Barca em 1681– recebeu influências decisivas alemãs, holandesas e árabes. Não me cabe aqui o deslindamento cada uma dessas linhas de influência, mas apenas assinalar que estudiosos como Julián Riberas e Miguel Asín Palácios demonstraram, em estudos de grande percuciência, que a mais decisiva destas influências que legaram a mística espanhola um caráter híbrido e multicultural foi a árabe. Em

geral, aponta-se a figura do catalão Raimundo Lúlio (1232-1315) como o autor decisivo a absorver os traços da mística islâmica (Sufismo) e trazê-los à tradição cristã.

Nas obras doutrinárias, autobiográficas, filosóficas ou poéticas de Teresa d'Ávila e Juan de la Cruz surpreendemos uma mística de união matrimonial com Deus ou Amado – daí Lima Vaz referi-la como “mística matrimonial” e remontá-la, como muitos o fazem, ao *Cântico dos Cânticos* –, fato que diminui o abismo entre criatura e criador. No entanto, nem Teresa nem Juan se autodivinizam ou renegam o valor do trabalho e do conhecimento das coisas humanas. Quem conhece a luta de ambos pela renovação da ordem carmelita, que resultou inclusive num humilhante claustro de nove meses para Juan de la Cruz, sabe que ambos eram o que hoje chamamos de “empreendedores”. A monumentalidade de San Juan e Santa Teresa, e da mística espanhola em geral, radica-se neste antro-teocentrismo que logra a máxima personalização do ser humano no matrimônio espiritual – na *unio mystica* – que aproxima homem e Deus sem cair no panteísmo. Tanto os escritos teresianos quanto os juaninos – e não se pense em excluir daqui os poemas – constituem uma sondagem em filigranas das reviravoltas da psique humana que é arrebatada pela experiência mística, experiência não despida de certa violência, dada a sua intensidade e poder transformador. Como afirma Luiz Felipe Pondé, em seu artigo “Elementos para uma Teoria da Consciência Apofática”, “o místico não fala a partir da sua condição criatural, mas sim da *violência* que esta sofre devido à visita daquilo que não *cab*e na natureza”. Não por acaso Teresa, em seus poemas, utiliza-se de metáforas como “seta” e “brasão”, que transpassam o ser e lhe causam dor, para falar da experiência mística de comunhão com Deus.

Mesmo para aqueles que dispensam ou rechaçam esse fundo filosófico-teológico que envolve a experiência mística, os poemas de Juan de la Cruz e Teresa de Ávila costumam revelar-se surpreendentes e... modernos. Se é

indubitável, como comprovam, por exemplo, os estudos de Dámaso Alonso, que tais poemas foram feitos, por partes de ambos os poetas, com franca intenção doutrinária, para a glória de Deus, não restam dúvidas de que uma leitura moderna, isto é, centrada em critérios intrinsecamente artísticos, revelará igualmente seu valor entre os grandes monumentos da lírica ocidental, especialmente em se tratando de Juan de la Cruz. Durante algum tempo, perdeu a imagem de Teresa d'Ávila como escritora semi-culta, de intuições geniais mas um tanto descuidada de seu idioma. Inumeráveis estudos filológicos e estilísticos feitos ao longo do século XX desfizeram esse julgamento. Comparada a Juan de la Cruz, Teresa é chã e “ingênuo”, mas a força de muitos de seus textos vêm exatamente da forma oral e direta como escreve. Aliás, um dos aspectos que dá a ambos um halo moderno é a economia de meios: ao contrário da mística alemã que lhes influenciaram – pense-se em Jacob Böhme –, esses dois místicos espanhóis evitam a opulência vocabular, a criação de neologismos, preferindo enriquecer semanticamente seus poemas por meio, por exemplo, de repetições e paralelismos. Outro aspecto “moderno” encontrado em ambos – esse bem mais decisivo – é “a expressão da experiência mística por meio de imagens do reino sensível”, como notou Leo Spitzer em estudo já citado. Ambos usam imagens concretas para buscar exprimir o inefável, evitando o vocábulo abstratizante, extração teológica e filosófica. As mais persistentes são as imagens vinculadas à vivência erótica: quase todos os poemas de Juan de la Cruz e Teresa d'Ávila usam os termos do amor carnal para apresentar o amor místico que irmana criatura e criador.

Essa ambiguidade, esta necessidade de passar por Eros para se chegar ao Ágape, atitude que remonta ao *Cântico dos Cânticos*, gerou problemas exegéticos e posicionamentos extremos quanto à poesia de ambos. De um lado, houve aqueles, ligados em geral à Igreja, que tentaram apagar a dimensão erótica dos poemas a partir de explicações alegóricas que menoscabavam

olimpicamente da concretude das imagens; por outro lado, houve quem só visse nos poemas a “sublimação” de impulsos sexuais e coisas similares. Dessa atitude surgiram os mais redutores e ridículos “diagnósticos” sobre a personalidade de Juan de la Cruz – para que se tenha uma ideia, recentemente deparei-me com um longo trabalho acadêmico, com mais de 200 páginas, que lia a obra sanjuanina sob o enfoque clínico da depressão – e, principalmente, Teresa d’Ávila.

As fontes em que beberam Teresa d’Ávila e Juan de la Cruz são muitas e variadas, principalmente no que se refere a San Juan, a quem foi oportunizado uma formação humanística a que Santa Teresa não teve acesso. Dámaso Alonso, com muita propriedade, aponta as duas principais fontes; a primeira delas, já citada aqui, é o *Cântico dos Cânticos*, de onde os dois poetas extraíram quase toda a imagética que se valeram. Deve-se lembrar que a tradição carmelitana, de onde eles provêm e à qual reformaram, criando a ordem dos Carmelitas descalços, sempre legou a este livro bíblico uma posição de privilégio. A segunda fonte, a que Alonso dá mais relevo, é poesia lírico-amorosa profana, que ambos retomam, retrabalham e divinizam. Observa Alonso que essa divinização ocorre às vezes com obras inteiras – San Juan era capaz de tomar para si um poema profano inteiro e “parodiá-lo”, divinizando-o, apurando a técnica do texto que parodiava – e às vezes apenas com versos soltos (o que é mais frequente). Essa forma de compor reescrevendo, de transmutar os sentimentos profanos em sagrados, não era uma postura exclusiva destes dois poetas, mas uma tendência da literatura espanhola do “Siglo de Oro”.

Num de seus arroubos emotivos (eles não os teve poucos, e muitos são de um humorismo bastante adequado), Dámaso Alonso escreveu a seguinte observação: “Que delicioso ambiente! Que humilde fé! Que brancura iluminada! Deus aproximou e fez colaboradores estes dois seres – Teresa e Juan – para que, em seu espelho, nós escritores nos pudéssemos livrar de

nosso pecado comum – a pedanteria – e para que acreditássemos no milagre”. A pedanteria continua ativa; a descrença no milagre é maior ainda. Mas o poema, depois Teresa e Juan, acentuou sua vocação de música verbal a serviço de compreensão do amor – o amor que ascende, para lembrar as palavras de Dora Ferreira da Silva, “do eros terrestre ao crístico ágape”.

## BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Dámaso. *Poesia espanhola: ensaio de métodos e limites estilísticos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

ÁVILA, Teresa de. *Obras Completas de Teresa de Jesus*, texto estabelecido por Fr. Tomas Alvarez, O.C.D., São Paulo, Edições Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_. *Poesías de Santa Teresa, 1861, p. 501-518 (Biblioteca de Autores Españoles desde la formación del lenguaje hasta nuestros días; 2)*. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com>>. Acesso em 31 out. 2009.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CRUZ, Juan de la. *Cántico espiritual y Poesías. (Manuscrito de Jaén)*. Madrid-España: Junta de Andalucía y Turner, 1991, 2 vols.

HATZFELD, Helmut. *Estudios literarios sobre mística española*. Madrid-España: Editorial Gredos, 1955.

LEPARGNEUR, Hubert. San Juan de la Cruz, místico. In: SILVA, Dora Ferreira (trad., introd. e notas). *A poesia mística de San Juan de la Cruz*. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 07-23.

LIMA VAZ, Henrique C. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

LUCCHESI, Marco (trad. e introd.). *Juan de la Cruz: pequena antologia amorosa*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

PONDÉ, Luiz Felipe. Elementos para uma teoria da consciência apofática. *Revista de Estudos da Religião – REVER*, SP, v. 3, n.4, 2003. Disponível em: <

[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2003/p\\_ponde.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2003/p_ponde.pdf)>. Acesso em 16 ago. 2010.

SILVA, Dora Ferreira (trad., introd. e notas). *A poesia mística de San Juan de la Cruz*. São Paulo: Cultrix, 1984.

SPITZER, Leo. *Três poemas sobre o êxtase*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

---

**Wanderson Lima** Poeta, ensaísta e editor da revista eletrônica dEsEnrEdoS. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professor do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI e membro do NEMIN – Núcleo de Estudos em *Mimesis*, Imaginário e Narratividade. E-mail: wandersontorres@hotmail.com